



VIII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

40 anos de democracias: progressos, contradições e prospetivas

ÁREA TEMÁTICA: Conhecimento, Ciência e Tecnologia [ST]

MORFOLOGIAS DO SABER EM DISPOSITIVO: NOVOS DISPOSITIVOS, NOVAS FORMAS DE SUJEIÇÃO

ESPERANÇA, EDUARDO

Professor Auxiliar com Agregação

Universidade de Évora

eje@uevora.pt

Resumo

Discutem-se aqui os modos de operação, tanto a nível social como institucional, no processo de emergência de novos aparatos que facilitam o controlo e a sujeição a práticas determinadas pela inscrição dos sujeitos nos dispositivos.

Abstract

Some discussion here about social and institutional ways devices operate within the emergence process of new instruments that facilitate the control and subjection to certain practices through the inscription of the subjects on the devices.

Palavras-chave: Dispositivo; inscrição em dispositivo; saber incorporado.

Keywords: Device; Device inscription; embedded knowledge.

Um dispositivo introduz algumas relações de força para guiar, bloquear, estabilizar e usar formações sociais através dos efeitos pragmáticos de um discurso, uma técnica, de uma ideologia.

De acordo com Foucault, um dispositivo encaixa-se numa relação de poder, inclui o discurso e o que fica por dizer, implementa e constrói um saber. (Arqueologia do Saber).

Em "O Sujeito nos dispositivos de Poder" (2013) Simon Lemoine retoma o conceito de dispositivo em Foucault. Lemoine mostra detalhadamente como e por que um sujeito é literalmente produzido pelos dispositivos que frequenta.

No espaço das relações humanas em que se constitui o social, uma parte significativa dessas relações é impensada, automatizada, mas organizada pelo contexto dos dispositivos em que o humano se insere. Este tipo de relação que coordena grande quantidade de ações é coordenada por dispositivos e não ocorreriam na amplitude e morfologia em que ocorrem se não fosse a força exercida por esses dispositivos sobre os sujeitos que as executam, tal como a toponímia em que os constituem. Boa parte desta determinação ocorre numa escala micro a partir da qual é possível estudar a extensão do sentido e das forças assim como a forma do seu exercício.

Ampliando ainda mais a já grande classe de aparatos Foucaultianos, - podemos chamar aparato/dispositivo literalmente a tudo o que tem, de alguma forma, a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar ou fixar os gestos, comportamentos, opiniões ou discursos dos seres vivos. Não apenas, portanto, prisões, hospícios, o *panopticon*, escolas, religião, fábricas, disciplinas, medidas judiciais e assim por diante - cuja ligação com o poder é de certa forma evidente - mas também a caneta, o escrever, a literatura, a filosofia, agricultura, a navegação, computadores, *smartphones* e, porque não, a própria linguagem, que é talvez o mais antigo dos dispositivos - um no qual, milhares e milhares de anos atrás, um primata inadvertidamente se deixou capturar provavelmente sem perceber as consequências que teria de enfrentar.

Trata-se de explorar a ideia de "entrar no dispositivo, entrar no espaço e ser por ele moldado, observando, por exemplo, a metáfora do labirinto - andar e esforçar-se por se adaptar a conhecê-lo até encontrar a saída - com ou sem GPS.

A Cultura como dispositivo

O trabalho passaria por questionar como é que os dispositivos alteram a cultura - do telemóvel, *smartphone* ao *tablet*. Como alteram os modelos de comportamento.

Por exemplo, como é que se dá um "like" fora do Facebook?

Em muito pouco tempo - uma questão de meses - o Facebook veio introduzir empresas e publicidade no meio das conversas e relacionamentos entre as pessoas. A cultura europeia, regrada, ainda com diferença não esbatida entre espaço privado e espaço público estranhou este *mix*, para não dizer fusão de espaços.

Ocupando o espaço de mediação, rapidamente se podia subverter as regras do espaço - com novos modelos de mediação do dispositivo - as regras do dispositivo.

No seu livro "*The Soul at Work*", Franco Berardi assinala o facto de o telemóvel estar sempre ligado para a grande maioria dos info-trabalhadores, mesmo quando eles não estão a trabalhar." (p.89). Como consequência: "os telemóveis realizam o sonho do capital: isso de absorver cada átomo possível de tempo no exacto momento em que o ciclo produtivo precisa. Desta forma, os trabalhadores oferecem o dia inteiro ao capital e são pagos apenas pelos momentos de acesso... Eles preparam os seus sistemas nervosos como um terminal receptor activo por tanto tempo quanto possível." (p.90)

Desde 2009, os telemóveis aperfeiçoaram-se e tornaram-se terminais de computador, estendendo a perspectiva de Berardi sobre a ligação/dependência permanente. Isto implica um "voluntariado", promulgando uma condição de conexão permanente: uma habitação contínua com os outros, o segui-los através de todos os caminhos - alguns namorados têm problemas devido a isto. A mente da colmeia parece

tomar decisões e organizar-se com as abelhas individuais, actuando como meros neurónios de um cérebro colectivo.

O Dispositivo Colector

"Segundo J. Kristeva, as condições da vida moderna com o primado da tecnologia, da velocidade, da imagem, reduzem o espaço psíquico – que corre até o risco de extinção. Aponta para a redução espectacular da nossa vida interior: “Fazemos economia dessa representação das experiências que chamamos vida psíquica”.

Tomando como base o pensamento de Hanna Arendt, J. Kristeva afirma que nossos contemporâneos estão inaptos a julgar o bem e o mal e mergulham na sua banalização. Muitos não conseguem representar psiquicamente (palavras, imagens, pensamentos) seus conflitos e vão conseqüentemente ao vandalismo, às psicossomatoses, às drogas."ⁱ

Era assim que a psicanalista Julia Kristeva se queixava, nos idos anos 90, de encontrar no seu consultório demasiados homens (e mulheres) sem vida psíquica, naquilo a que chamava, as novas doenças da alma.

Por outro lado, McLuhan acreditava que os novos media e tecnologias, pelos quais podemos amplificar os nossos meios e sentidos corporais constituíam uma enorme cirurgia colectiva realizada sobre o corpo social, sem sequer utilizar anti-sépticos. A sua conclusão foi que "quando a tecnologia empurra com força numa direcção, o conhecimento bem que poderia empurrar com um impulso de compensação. McLuhan acreditava que nós não somos meros efeitos passivos de uma história incontrolável. Nesse sentido, as teorias sociais de McLuhan são optimistas sobre o nosso futuro. Mas ele permaneceu incrédulo quanto ao entendimento desse conhecimento: não é possível emanciparmo-nos da exploração subliminar das nossas próprias tecnologias? Não é a essência da educação enveredar por uma defesa civil contra os efeitos dos *media*? Uma vez que o esforço nunca foi feito em nenhuma cultura, a resposta parece manter-se na dúvida. E advertiu ainda que continuando nos seus padrões de fragmentação não conectada, os curricula escolares irão assegurar uma cidadania incapaz de entender o mundo ciber-inventado em que vivem."ⁱⁱⁱ

Borgmann e o determinismo do paradigma do dispositivo

Em “Technology and the Character of Contemporary Life”, Borgmann introduz a noção de “Paradigma do Dispositivo”.

A proliferação dos dispositivos tecnológicos e o entendimento aceite pela maioria/*mainstream* de que são benéficos para as pessoas, tornam os dispositivos invisíveis - (incorporados); p. exemplo - existe hoje tecnologia e saber suficientes para permitir que o *smartphone* fosse já incorporado na previsão de McLuhan - extensão do corpo) - em parte já é - quando vemos pessoas na rua a falar sozinhas - podiam estar a teclar no bolso e a ver o texto nos óculos...

Comparados com os dispositivos maquínicos anteriores - a máquina desapareceu com a miniaturização tecnológica, mas desapareceu também, e ainda mais, do consumidor, a vontade de saber.- (só para o expert) o conhecimento sobre como é que a máquina faz aquilo deixou de criar tanto mistério como curiosidade. Aqui, a modernidade alocou definitivamente o saber ao *expert* e desligou-se de todo o interesse sobre o objecto.

O problema do modo como os dispositivos vieram rebentar (fazer explodir/desaparecer) práticas e objectos socialmente enquadrados/*embedded* - o estar-à-mesa e os pontos de coesão familiar, o microondas e o televisor - o *ipod versus* o concerto frente aos instrumentos, apresentam um resultado que vai no sentido de uma alienação de situações potencialmente socializantes."ⁱⁱⁱ

Isto impõe uma maior atenção à experiência mediada pelos dispositivos - *device mediated experience* - e suas conseqüências a nível social e fenomenológico.

Observar o mundo social como agregado de dispositivos, já é, e implica, uma perspectiva precisa – mas há outras.

O problema do saber é que é potencialmente mais fértil no seu espectro de perspectivas; do ponto de vista do sujeito imerso no dispositivo ele está relativamente fechado - o labirinto e o GPS contêm mapas finitos. Já do ponto de vista do dispositivo na relação com o sujeito – ele desenvolve-se como manual de instruções - algo positivo e inalterável - quer aquilo, faça isto.

Do ponto de vista propriamente epistemológico - na resposta à questão: que saber é este?; que perfil morfológico apresenta? Ele é, necessariamente, polimórfico; o que o caracteriza mais é a exigência de adaptação/conformização da parte do sujeito.

Foucault diz que a prática religiosa da confissão foi secularizada nos séculos XVIII e XIX - na relação com o Estado – quando o Estado solicita informação privada ao cidadão. As pessoas eram levadas a confessar seus desejos mais íntimos e práticas sexuais. Estas confissões tornaram-se então dados valiosos para as ciências sociais, que usaram o conhecimento para construir mecanismos de controlo social. Assim, Foucault argumenta que a confissão moderna atua como uma forma de poder-conhecimento. - cópia do poder dos Jesuítas.

É altura de passarmos ao fenómeno actualíssimo do acesso aos *BIG DATA*; outra vez actual devido ao perfil de aparatos envolvidos porque, na sua essência, ele existe há muito e era até agora monopólio do Estado, a Estatística.

Big Data, grande controlo

Isto leva-nos a um circuito novamente fechado de poder-acesso-conhecimento-poder; só quem tem poder de acesso aos *BIG Data*, pode recolher informação, transformar a informação em conhecimento que se pode transmutar em poder - Isto é a descoberta da Pedra Filosofal contemporânea - que por acaso até usa terminologia Mineira (*DATA Mining*) para encontrar o ouro na informação.

Do que podemos observar/pensar até agora, afinal há razão para os cépticos dos novos dispositivos, parte de razão/justificação para o seu não uso; eles não são públicos mas transparentes; o espaço privado está a encolher. Estamos todos a ser espiados? estamos! Se calhar somos mais importantes do que julgamos. - Esta problemática é importante, mas devo conceder-lá ao espaço da Sociologia Política.

De momento, interessa-me mais o modo como as pessoas com ou sem conhecimento do processo, se inscrevem (literalmente incorporam) nos dispositivos (informáticos, mediáticos, institucionais) e vivem a ilusão de autonomia como se ela nunca tivesse sido tão grande.

Deste ponto de vista, com o esvaziamento da consciência psíquica, da necessidade de autonomia, da capacidade crítica, das exigências existenciais da modernidade, nunca antes o conceito de Alienação foi tão presente e tão polimórfico; o que em Marx se reduzia ao não domínio da produção própria (e entrega ao capital) ou não domínio da consciência existencial (e entrega à Igreja), hoje - incorporados nos dispositivos ao mesmo tempo protésicos e ortopédicos, e uma vez que estão em rede - sim, existe a possibilidade de controlo central, ao mais alto nível, ao nível em que nos mostraram e mostram algumas das ficções científicas mais temerosas que temos em arquivo.

Referências Bibliográficas

Berardi, Franco, *The Soul at Work*, ed. Semiotext, L.A. 2009

Fontes, I., "Júlia Kristeva e o tempo sensível", *Pulsional Revista de Psicanálise*, ano XIII, no 139, 23-28. http://www.editoraescuta.com.br/pulsional/139_03.pdf (11/01/2014)

Lemoine, S., *Le sujet dans les dispositifs de pouvoir*, ed. Presses Universitaires de Rennes, Rennes 2013.

McLuhan, M. *Compreender os Meios de Comunicação - Extensões do Homem*, Relógio D'Água, 2008.

Mullis, Eric. *The Device Paradigm: A Consideration for a Deweyan Philosophy of Technology*, ed. Journal of Speculative Philosophy, issue 2, 2009

ⁱ Fontes, I., "*Júlia Kristeva e o tempo sensível*", *Pulsional Revista de Psicanálise*, ano XIII, no 139, 23-28.
url: http://www.editoraescuta.com.br/pulsional/139_03.pdf (11/01/2014)

ⁱⁱ McLuhan, M. *Compreender os Meios de Comunicação - Extensões do Homem*, Relógio D'Água, 2008.

ⁱⁱⁱ Mullis, Eric. *The Device Paradigm: A Consideration for a Deweyan Philosophy of Technology*, ed. *Journal of Speculative Philosophy*, issue 2, 2009